

Os rastros e restos: dos limites em Literatura e Psicanálise

Este extracto de la tesis de doctorado de Marta Inés Arabia, ilustra la sorprendente historia de la asociación de las multinacionales con el exterminio de los campos de concentración y la vida actual, numerada, igualmente concentracionaria, en la barbarie capitalista.

Marta Inés Arabia, nació en Bs As (San Isidro) en el año 1962. En 1987 se recibe de psicóloga y ejerce como psicoanalista (hasta la actualidad). En 1988 se muda al Brasil donde concluye su pos-graduación en psicoanálisis (1994). Adquiere el título de Master en Lingüística (2000) Actualmente (2007) es doctora en Letras en la UFSC, con esta tesis.

5.1 A bela maquiagem da pulsão de morte:

No fim de Abril do ano 1941, seis meses depois da Alemanha nazista ter invadido a Polónia dando início à segunda guerra mundial, uma comitiva militar de seis veículos se dirigia de Berlim para o sul da Polónia, cruzando a região da Alta Silésia. A missão estava a cargo de Rudolf Hess, que atravessava as estradas junto à temida tropa de choque da SS. O lugar procurado era um galpão de madeira construído pelo império Austro-Húngaro durante a primeira guerra mundial, e ficou conhecido pelo mundo como o

maior campo de extermínio da história: Auschwitz. Hess tinha a missão de criar um campo antes da chegada do inverno. O local eleito encontrava-se a 30 km de um conjunto de minas de carvão da melhor qualidade. Outra das vantagens para o moderno progresso industrial pretendido era o fato de que Auschwitz atrairia investidores para a região, como foi o caso da IG Farben, que em troca de mão de obra barata instalou uma fábrica de combustíveis e borracha sintéticos. O marechal Heinrich Himmler, comandante supremo da SS, que já tinha visitado em reunião secreta o local no mês de Março, ansiava albergar 30.000 pessoas úteis para trabalho escravo no campo, sendo que defendia o extermínio pelo trabalho¹. Efetivamente, no portão principal do campo, está escrito em alemão: *o trabalho dignifica*, do lado, encontrava-se a linha de trem que levava até as câmeras de gás. Na manhã de 20 de janeiro de 1942, o general Reinhard Heydrich leu no palácio de Wannsee o documento conhecido como o *protocolo de Wannsee*, assinado pelo marechal Goering, que autorizava a tomar as medidas necessárias para solucionar o problema com os judeus face à escassez de comida. Nesse dia foi tomada, o que se conhece historicamente como, *a decisão final*: 90 por cento dos judeus que chegassem iriam direto para a câmara de gás. Cabe esclarecer que os campos de trabalho forçados nazis não foram os primeiros a existir, mas foram, de fato, os primeiros *campos de trabalho e extermínio* que a história da humanidade conheceu. Efetivamente, Auschwitz foi a primeira indústria de extermínio da humanidade.

Nos campos, *tudo é possível*, nos dizia Arendt:

¹ A eliminação dos considerados resíduos do sistema: judeus, deficientes, ciganos, testemunha de Jeová, e outros não arianos, não era consensual. A cúpula nazista se dividia entre o extermínio a exploração até o extermínio. Desde o ano 1937 existia oficialmente um programa de eutanásia o Aktion T4 que incluía crianças portadoras de deficiência ou com doenças terminais. Os membros do Aktion T4 visitaram o campo pela primeira vez em Julho no ano 1941. C.f Super Interessante. Editora Abril. Ano 2007 Setembro.

Toda a população do *campo* não é, na verdade, mais que um imenso turbilhão que gira obsessivamente em torno de um centro sem rosto. Mas esse vórtice anônimo, como a mística rosa do paraíso dantesco, “pintada à imagem nossa” levava impressa a verdadeira efigie do homem².

Deter-nos-emos num arquivo pouco divulgado até o momento, mas fundamental, aquele que relata um momento onde a tecnociência, e o estado de exceção coincidem circunscrevendo a *zona cinza* onde o próprio homem converte-se no espetáculo não suportável para os olhos humanos. Das grandes empresas aliadas ao regime nazista, nos interessa aqui, a IBM, pois, sem esta a Shoá não teria tido, como veremos, a dimensão que teve. Estamos-nos referindo à sua colaboração técnica à serviço do controle social convertendo a informação em arma de guerra, e em manual de destruição em massa.. Diremos com Agamben que a ocidente vive um processo de rompimento com o antigo *nomos* da Terra, afetando os laços sociais, e que atualmente, o sistema faminto de humanidade cria e fomenta os mais sangrentos espetáculos maquiados para o consumo. Entre os motivos fundamentais de tal ruína é a exceção soberana que demonstra que o ordenamento jurídico, contém, em si, a suspensão dos direitos admitindo uma violência não regulada pela lei simbólica -jurídica, uma tanatopolítica que se alimenta com *rostos e restos*.

O novo carrasco mora nos blocos vazios do poder, e não tem nome, no seu reino situa-se na *zona cinza* onde o céu moderno da humanidade representada pelas *Figuren* se eclipsa com o silêncio da morte. A fabricação de cadáveres degrada à própria morte se convertendo em algo muito mais horroroso nos lembra Agamben:

(...) Auschwitz é o lugar de um experimento, todavia impensado, no que, mais além da vida e a morte, o judeu se transforma em muçulmanos e o homem em não homem. E não compreenderemos o que é Auschwitz se

² Cf. AGAMBEN, Giorgio, *Lo que queda de Auschwitz*, op.cit.,p.52

antes não chegamos a compreender quem ou que é o muçulmano, se não temos aprendido a olhar a Gorgona com ele.³

Os muçulmanos não deviam ser nomeados em hipótese alguma quando morriam não podiam ser chamados de cadáveres, ou corpos, senão de *Figurem*, figuras bonecos.

Os prisioneiros se convertiam em muçulmanos quando já não havia nada que lograra despertar neles emoção alguma... Os demais prisioneiros se esforçavam por ser bons com eles quando podiam e por lhes dar de comer; mas os muçulmanos já não podiam responder à simpatia que se manifestava nestes atos.⁴

Como pano de fundo do ápice do espetáculo moderno o que rege é *o estado de exceção*.

Vale lembrar que:

(...) Logo que tomou o poder (ou, como talvez se devesse dizer de modo mais exato, mal o poder lhe foi entregue), Hitler promulgou, no dia 28 de fevereiro, o *Decreto para a proteção do povo e do estado*, que suspendia os artigos da Constituição de Weimar relativos às liberdades individuais. O decreto nunca foi revogado, de modo que todo o Terceiro Reich pode ser considerado, do ponto de vista jurídico, como um estado de exceção que durou 12 anos⁵.

Para abordar este arquivo nos valeremos de um documento amplo que detalha a importante participação da empresa norte americana IBM no planejamento e desenvolvimento de métodos e instrumentos para o uso nazista.

Para tal fim recorreremos ao livro de Edwin Black *IBM e o Holocausto – a aliança estratégica entre a Alemanha nazista e a mais poderosa empresa americana*⁶.

³ IDEM-*ibidem*, pp.53-54

⁴ IDEM-*ibidem*, p.54

⁵ IDEM.*Estado de exceção*, op.cit , p. 12.

⁶BLACK Edwin.,*IBM e Holocausto*. Rio de Janeiro :Editora Campus, 2001.

Este livro é de valiosa importância para observarmos o uso da tecnologia, dos métodos estatísticos, e da automatização a serviço do capital, para fins de controle social, étnica e fundamentalmente subjetiva.

O livro *IBM e o Holocausto* foi construído como um documento no qual é feita a análise a partir de dados, e fatos históricos. O autor, Edwin Black é um escritor, que como escritor especializou-se em relações comerciais do Terceiro Reich, tendo já desenvolvido um trabalho investigativo a respeito das finanças do holocausto, *The Transfer Agreement*, utilizou-se agora de um imenso apoio de pesquisadores de diversos países para conseguir elaborar o encadeamento de raciocínio que trouxe à luz como a IBM trabalhou junto ao terceiro reino nas décadas de 30 e 40. A seriedade do procedimento, das fontes, e o reconhecimento deste trabalho recomendado por intelectuais e defensores dos direitos humanos de reconhecimento mundial coincidem em que o conteúdo desta obra é um ponto de referência valioso, e de confiabilidade necessária e suficiente como para ser levado em conta, vejamos detalhes dos procedimentos da pesquisa:

Como o presente trabalho de investigação exigiu a pesquisa de documentos em tantos países e em tantas línguas, recorremos a uma rede de pesquisadores e tradutores, muitos deles voluntários. A equipe compunha-se de sobreviventes do Holocausto, filhos de sobreviventes, refugiados e estudiosos sem qualquer ligação pessoal com o Holocausto – além de pesquisadores profissionais e arquivistas e historiadores de reconhecida capacidade, e até mesmo de antigos investigadores do Tribunal de Nuremberg.

No total, mais de 100 pessoas em sete países participaram do esforço, algumas durante meses seguidos; muitas apenas durante umas poucas semanas, entre outros trabalhos ou durante as férias escolares; e outras por apenas algumas horas, quando necessitávamos da tradução de documentos específicos. A missão desses colaboradores consistiu simplesmente em vasculhar grupos de arquivos ou microfimes de jornais em busca de certas palavras-chave ou tópicos críticos, pouco sabendo sobre as implicações de suas descobertas. Uma vez localizados, os documentos eram copiados e submetidos a minha

revisão e análise. Quando descobríamos uma pista, solicitávamos pesquisas adicionais sobre determinado nome ou tema⁷.

A sua pesquisa, segundo relata Edwin Black foi intencionada quando, em uma visita que fez em 1993 ao Museu do Holocausto dos Estados Unidos, em Washington, deparou-se com uma máquina IBM Hollerith D-11. A máquina da IBM estava dentre os diversos itens expostos, mas diz que este equipamento lhe chamou a atenção, a conseqüência derradeira foi a seguinte questão, como o terceiro Reich conseguiu a informação para poder preencher as listas? Esta pergunta, se alguém antes de Black já tinha sido formulada, nunca tido sido levada – seja qual fosse o motivo – até as últimas conseqüências. Vejamos parte das suas considerações:

Os alemães sempre dispuseram de listas de nomes judeus. De repente, um esquadrão da SS irrompe na praça da cidade e afixa um aviso exigindo que as pessoas constantes da lista se apresentem no dia seguinte na estação ferroviária, a fim de serem deportadas para o Oriente(...)

Mas como será que os nazistas conseguiram aquelas listas? Durante décadas ninguém soube. Poucos formularam a pergunta.

A máquina da IBM era usada para classificação de cartões, mas a mostra não apresentava as implicações de uso da mesma e nem as relações da empresa norte-americana com os nazistas.

⁷ Os pesquisadores e tradutores foram recrutados por meio de sites na internet, bulletin boards de departamentos universitários, organizações de sobreviventes do holocausto, arquivistas, historiadores, associações de tradutores e pesquisadores, e amigos e contatos destes. Foram verificados arquivos do New York Times de 1933 a 1945, além de arquivos e bibliotecas em Washington, Paris, Londres, Bonn - na Alemanha -, outros na Polônia, Holanda e Israel. Dentre os que trabalharam nesta imensa pesquisa citamos apenas alguns nomes, pois como o próprio autor mencionou foram mais de cem pessoas que trabalharam no levantamento dos dados necessários à pesquisa. Temos então Gerald Schwab, autor renomado sobre o holocausto; Fred Thieberg, antigo investigador do Tribunal de Nuremberg; Werner Michel, ex-oficial de inteligência da ocupação aliada; Susan Steiner; Inge Wolfe; Terra York; David Keleti, engenheiro genético; Susan Kooje Anastasi; Niels Cirde, arquivista; Kai Gloystein; Gilad Livne, do Arquivo Público de Israel; Rochelle Rubinstein, que trabalhou no Arquivo Central Zionista; John Klier, da Universidade de Londres; Agnes d'Angio e Herve Vernon, do Arquivo do Ministério da Economia Francês; Erik Somers, do Instituto para Documentação de Guerra; Ulrich Soenius, de Rheinisch-Westfälisches Wirtschaftsarchiv; Peter Grupp, de Politisches Archiv; Gerhard Hirschfeld, da Biblioteca de História Contemporânea de Stuttgart; Johannes Tuchel, do Memorial da Resistência Alemã; Jan Jagielski, do Instituto Histórico Judeu de Varsóvia; Franciszek Piper, do Museu de Auschwitz; Michael Nash, do Hagley Museum; Henry Mayer e Aaron Kornblun, do Museu do Holocausto dos Estados Unidos; John Taylo; Milt Gustafson; Fred Romanski; Louis Holland; Robert Wolfe, que tratava de documentação nazista; Abrahan Peck, história do holocausto; Werner Michel, inteligência aliada e tecnologia nazista; Radu Ionadi, holocausto na Romênia; Robert Urekew, ética empresarial; Bradkey Sherwin, tecnologia; Robert Paxton; Willian Seltzer, censo do holocausto e tecnologia estatística e Niels Cordes, história alemã e documentação nazista. Como já dito, muitos são os nomes não citados aqui, os mencionados, o foram por terem sido para o autor, os que maior participação tiveram na construção de todo o material. C.f BLACK Edwin, Editora Campus. *IBM e Holocausto*, op.cit.p.0 (In Agradecimentos).

A partir das dúvidas suscitadas Black partiu para a investigação, e conseqüentemente, para a busca de pessoas que lhe pudessem auxiliar na obtenção de materiais (...)

A equipe era composta principalmente por voluntários. Todos se comprometiam com a confidencialidade. Todos se chocavam e se entristeciam com as implicações do projeto e demonstravam forte motivação. Alguns afirmaram que não conseguiram dormir durante alguns dias depois de tomarem conhecimento da conexão. (...).

No final, reuni mais de 20.000 páginas de documentação extraída de 50 arquivos, coleções de manuscritos, bibliotecas de museus e outros repositórios. No processo, tive acesso a milhares de papéis do Departamento de Estado dos Estados Unidos, do antigo Office of Strategic Services e outras fontes que no passado foram consideradas confidenciais. Outros documentos obscuros de origem européia até então nunca haviam sido traduzidos ou relacionados com pesquisas semelhantes. Todos foram organizados em meu próprio arquivo central, com identificação de procedência original. Também perscrutamos e traduzimos mais de 50 livros e relatórios genéricos, além de periódicos técnicos e científicos contemporâneos, referentes a cartões perfurados e estatísticas, publicações nazistas e jornais da época. Todo esse material – documentos básicos, artigos de jornais, recortes de notícias e extratos de livros – foi organizado por mês, segundo critérios de indexação cruzada. Abrimos pastas para todos os nomes, de 1933 a 1950. Se um documento se referia a várias datas, ele era arquivado nas pastas dos diferentes meses. Em seguida, todo o conteúdo das pastas mensais foi de novo indexado por assunto restrito, como Gueto de Varsóvia, Recenseamento Alemão, Ferrovias Búlgaras, Watson na Alemanha, Auschwitz e assim por diante⁸.

Black menciona que antes de 1984 ninguém realizava pesquisa a respeito de ativos para esclarecer eventos históricos, e muito menos se aprofundavam em pesquisas a respeito de tecnologias antecessoras ao computador, pois estas eram desconhecidas pela maioria dos investigadores, coisa muito diferente da atualidade. Por isto, diz que os envolvimento empresariais com a segunda guerra mundial, e a participação das tecnologias de recenseamento e logística pouco foram estudados. Estes fatos, mais a grande dificuldade de conseguir levantar materiais que permitissem pensar todas estas articulações, pois se tratavam de dados obscuros, que não conduziam a referências diretas, mas a pequenas informações que somente, quando comparadas, puderam dar vista a informações procuradas, e também aos fatos que impediram que outros realizassem anteriormente esta pesquisa.

⁸ IDEM- *ibidem*, p. 7

Os fatos a respeito dos horrores cometidos pela eficiência nazista são conhecidos, havendo inúmeros livros, textos, artigos e documentos que apresentam a quem quiser saber, os dados do extermínio executado, e das condições pelas quais tinham de passar aqueles que eram capturados pelos seguidores de Hitler.

A organização alemã era de ponta para a época. Atualmente são utilizados computadores para realizar o planejamento logístico de empresas e nações, a contabilização de pessoas, e a classificações das mesmas, segundo os mais diversos critérios e fins. Antes de existirem os eficazes computadores atuais, a própria atividade de um censo nacional envolvia muitas pessoas, e chegava a demorar mais de dez anos para serem analisados os dados coletados. Um exemplo disso é o censo dos Estados Unidos de 1880, que teria seus trabalhos encerrados e divulgados somente após 1890, quando já estaria em andamento um novo censo, sem contar com o fato de que eram poucos os dados que eram levantados, caracterizando os censos da época como mera contagem populacional, sem terem em conta características étnicas, culturais e econômicas.

Este quadro modificou-se quando o filho de alemães Herman Hollerith, funcionário do Census Bureau, em Washington, inventou uma máquina, a qual seria conhecida como Hollerith, que conseguia realizar a contagem de dados e classificação de informações em tempo extraordinariamente superior à experiência de certa forma manufatureira, com lápis e papel, executada pelos funcionários do Censur. Essa máquina utilizava-se de cartões de cartolina perfurados, fazendo a leitura, contabilização e classificação destes furos, os quais representavam categorias de informações.

Hollerith acabou vencendo uma licitação de máquinas para o uso do censo norte-americano, e alugou em vez de vender as máquinas ao mesmo Census Bureau em que trabalhara. Enorme foi a economia de tempo e de dinheiro com a utilização das máquinas e cartões de Hollerith, sendo dito que o governo americano gastou cerca de um terço menos que no censo anterior, e pôde fazer ao invés de apenas cinco questões, um total de 235 questões no censo de 1890, isto tudo graças a máquina de Hollerith.

O sucesso do empreendimento foi tamanho que outras nações e empresas começaram a procurar Hollerith para alugar suas máquinas e seus serviços. O primeiro recenseamento em outro país foi encomendado pelo Czar Nicolau II, para que fosse feita a

contagem de aproximadamente 120 milhões de russos. Diversos outros estados nacionais o procuraram e com isso a importância da maquinaria de Hollerith tomou proporções gigantescas. “Órgãos de recenseamento e estatística da Rússia, Itália, Inglaterra, França, Áustria e Alemanha faziam encomendas”⁹

Relata Black que depois de alguns desenvolvimentos da história da empresa de Hollerith, e da venda da mesma fundou-se na Alemanha a Deutch Hollerith Maschinen Gesellschaft, ou abreviadamente Gehomag, a Companhia Máquina Hollerith Alemã, licenciada da companhia americana que detinha os direitos da máquina, passando a empregar a mesma lógica de aluguel das máquinas, e utilização de seus cartões para o trabalho junto a empresas e governo alemão.

Em 1922 a Empresa norte-americana agora gerida por Thomas J. Watson – uma figura representativa do capitalismo selvagem da época – passou a se chamar International Business Machines, a IBM. Watson foi responsável pelo desenvolvimento e expansão da empresa em escala mundial, com uma amplitude não pensada até então. Ele abriu empresas filiais em diversos países europeus mantendo a Gehomag como elo na Alemanha. Os equipamentos foram desenvolvidos e a empresa se estabeleceu de forma hegemônica, tendo a empresa, um programa interno, que fazia de seus empregados funcionários extremamente leais aos interesses da organização. A empresa manteve ótimos relacionamentos com os governos que contratavam os serviços da então IBM.

A partir de 1933 – ano da assunção de Hitler ao poder – as máquinas Hollerith foram utilizadas pelo governo nazista para levantar quantos eram os judeus, descendentes de judeus ou convertidos que habitavam na Alemanha. Com isto os nazistas puderam de forma sistemática encontrar onde residiam os indivíduos e os conduzir para os guetos e campos, controlando eficientemente a logística de transporte, alocação, trabalho e extermínio de milhões de pessoas.

Importante fato é mencionado por Black a respeito da utilização da Hollerith nos campos de concentração, bem como pela organização ferroviária alemã. Ele apresenta um judeu holandês de nome Rudolf Cheim que pôde relatar a existência dessa máquina no campo de Bergen-Belsen.

⁹ IDEM- *ibidem*, p. 23

A alguns metros do crematório de Belsen, à esquerda, perto da cozinha e das cisternas, no final de uma senda lamacenta, situava-se a casa do líder do bloco. Os internos às vezes chamavam o lugar de “covil do leão”. No interior do “covil do leão” havia uma sala para o *Arbeitsdienst-führer*, o líder do serviço de mão de obra. Era lá que se processavam os cartões perfurados Hollerith¹⁰

Tais cartões tinham as dimensões de 13,33 centímetros de comprimento por 8,25 centímetros de largura, com colunas numeradas e orifícios que indicavam especificações. Os cartões eram analisados pela máquina que era operada por oficial treinado pela Gehomag, que também dava assistência técnica e sempre preparava inovações antecipando-se às necessidades – marca pela qual ficou conhecida a IBM – de seu cliente, no caso, nazista.

(...) Os prisioneiros eram identificados por meio de cartões Hollerith descritivos, cada um com as colunas perfuradas, detalhando nacionalidade, data de nascimento, estado civil, quantidade de filhos, motivo do encarceramento, características físicas e habilidades profissionais. As colunas três e quatro reuniam dezesseis categorias codificadas de prisioneiros, dependendo da posição dos orifícios: o orifício 3 significava homossexual; o orifício 9, anti-social; orifício 12, cigano. O orifício 8 designava judeu. Listas impressas com base nos cartões também relacionavam os prisioneiros por códigos numéricos pessoais. A coluna 34 era rotulada “Razão de Partida”. O código 2 simplesmente significava transferido para outro campo a fim de prosseguir com o trabalho. Morte natural era o código 3. execução, código 4. Suicídio, código 5. o agourento código 6 designava “tratamento especial”, termo que em geral significava extermínio, seja em câmara de gás, seja por enforcamento ou fuzilamento. À medida que os trens e caminhões chegavam da Bélgica, França e Holanda, milhares de cartões perfurados eram examinados, processados, e as informações neles contidas eram enviadas para o Departamento de Estatística, no Escritório Econômico da SS, em Oranienburg. Os homens e mulheres constantes das relações numéricas eram confrontados com as listas de necessidades de trabalho em Bergen-Belsen e em outros campos. “Jamais um nome”, lembra Chein, “apenas números atribuídos aos indivíduos”. A quantidade de mortos era apenas uma estatística a observar, mero detalhe a ser processado pela máquina¹¹

Black nos aponta que a matriz nos Estados Unidos recebia relatórios diários da filial mais rentável da Europa, a Gehomag, de modo que todas as ações realizadas eram do conhecimento da IBM, e tinham o consentimento e o calar desta.

¹⁰ IDEM, *ibidem*, p.14.

¹¹ IDEM-*Ibidem*, p.15.

Para Watson, e para a empresa, o imprescindível era o capital gerado, tornando a organização lucrativa e sólida, não importando quais os meios para tal fim. A IBM era a única fornecedora dos quase 1,5 bilhão de cartões perfurados utilizados pelo Terceiro Reich, lucrando em cada oportunidade na qual seus serviços pudessem ser empregados.

Na verdade, as máquinas não eram usadas apenas nos campos de concentração. Centenas delas permaneceram instaladas durante anos em toda a infraestrutura comercial, industrial, militar e anti-semita da Alemanha Nazista e da Europa dominada pelos nazistas.

Naquele dia de dezembro, Watson se mostrava inflexível, a subsidiária alemã de sua empresa, a Dehomag, estava fora de controle. Que se convocassem mais advogados, que se enviassem mais telegramas, que se empreendessem outras manobras inteligentes com o Departamento de Estado – tudo isso não para dar fim à parceria genocida com o Terceiro Reich, mas para assegurar que todos os procedimentos e lucros ficassem com a IBM NY. Não importaria quem ganhasse, a IBM prosperaria. Afinal, Business era parte de seu nome ¹².

Como se observa, o método estatístico e a tecnologia foram empregados como meio logístico com a finalidade de controle cultural, étnico, social e conquista econômica.

As ciências humanas são mais que um saber: elas são uma prática, elas são instituições, pode se ler na contracapa do livro *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault. Pois bem, o que estamos vendo com Black, não disse respeito às ciências humanas?

Entendemos que todos estes fatos são manifestações de uma linguagem própria da guerra, e de uma guerra que emerge nas linguagens.

Se a intenção dos campos de extermínio ou de concentração (no caso de Auschwitz, estes coincidem) era usufruir da mão de obra para alguns, e até do que restava arrancar dos corpos mortos, estes foram vitoriosos e levou com eles boa parte da alma do *sujeito romântico*, ícone dos ideais modernos.

¹² *IDEM-Ibidem*,p.17.

Lemos os versos do níttrico poeta Almafuerite como um depoimento do que progressivamente fora se tornando mais grave através dos anos: a decepção com a figura do herói clássico.

Año 1915, verso XII de Apóstrofe:

*Y la historia es un momento,
una mísera palabra,-
una mísera palabra que resuena altisonante,-
un clamor en el desierto, nada más.
Son los siglos como un sueño:
eran nada y se hacen nada,-
nada misma, olvido mismo; noche y paz.-
Los archivos van al polvo
y a la sombra impenetrable
de un lenguaje incomprensible,
como un cuento de otros mundos,
como el verbo de unos seres que no fuesen
ni siquiera el antropoide,
ni siquiera el vislumbre de razón,
de humanidad.
Los azotes de la historia no castigan:
crean dioses;
crean tipos fabulosos, mitológicos,
arrastrados al dolor por el destino,
condenados al delito por las horas,
sometidos al dolor de la tragedia,-
del incesto al parricidio,-
por las fuerzas del ambiente:
porque así lo dispusieron las costumbres,
las pasiones imperantes,
los impulsos del momento,
las herencias y atavismos: lo fatal.
No; la Historia es un momento, una mísera palabra,
una mísera palabra que resuena altisonante...
Para ti, para la serie
larga y negra de tus crímenes horrendos,
cien millones, mil millones de centurias
son un soplo.
Te reclaman los archivos de lo eterno:
vida eterna, fuego eterno, llanto eterno,
sin Plutarcos.
sin siquiera la sonrisa de Caín el fratricida
dolor pleno, dolor sumo, dolor puro
por los siglos de los siglos;
y en aquella angustia eterna,
tú y Satán.*

La Plata, diciembre 29 de 1915.

.